

Por que acreditar na
BÍBLIA?

JOHN BLANCHARD



EDITORA FIEL

POR QUE ACREDITAR NA BÍBLIA?

Traduzido do original em inglês:
WHY BELIEVE THE BIBLE?

Copyright © Evangelical Press

ISBN N°: 85-99145-26-6

Primeira edição em português © 2006 Editora Fiel

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução deste livro, no todo ou em parte, sem a permissão escrita dos editores.

Tradução: Maurício Fonseca dos Santos Junior

Revisão: Marilene Paschoal

Ana Paula Eusébio Pereira

Roberto Freire

Diagramação: Marilene Paschoal

Capa: Edvanio Silva

EDITORA FIEL da

MISSÃO EVANGÉLICA LITERÁRIA

Caixa Postal 81

12201-970 - São José dos Campos, SP

POR QUE ACREDITAR NA BÍBLIA?

PREPARANDO O TERRENO

Os agentes do governo estão seguindo o seu rastro há anos, mas ele sempre encontra uma forma de escapar, mudando de um lugar para o outro, sob a proteção do manto da noite e com a ajuda de amigos solidários; mas o cerco se fecha cada vez mais...

Motivado por um robusto orçamento do qual ele provavelmente esperava embolsar uma quantia considerável como recompensa, um agente especial matriculou-se numa universidade local, infiltrou-se em todos os grupos certos e, finalmente, conseguiu fazer amizade com o seu alvo. Dizendo, certo dia, que havia perdido sua carteira, convenceu sua vítima a pagar-lhe o almoço na cidade – e até mesmo a emprestar-lhe algum dinheiro – mas tão logo chegaram no local onde combinaram almoçar, o agente fez um sinal previamente combinado a dois policiais que ali aguardavam e o seu companheiro foi rapidamente preso e lançado na prisão estadual.

Dezoito meses depois, debilitado e enfraquecido por conta

do confinamento em uma cela escura, fétida e infestada de ratos e insetos, o prisioneiro foi levado a julgamento. Sendo tudo previamente arranjado com o tribunal reunido, a sentença era sabida de antemão. Dois meses mais tarde ele foi conduzido ao portão sul da cidade, onde um grande suporte de madeira na forma de uma cruz fora erigido num espaço aberto. Uma corrente pesada pendia do topo e uma corda com nó corrediço havia sido amarrada em um buraco no suporte de madeira. Na frente de uma multidão fascinada, que incluía um grupo de autoridades locais, os pés do prisioneiro foram amarrados na cruz, a corrente de ferro foi presa ao redor de seu pescoço e a corda amarrada em sua garganta.

Uma pilha de gravetos e lenha foi amontoada ao redor dele e, então, o carrasco deu um passo adiante. Com um violento puxão na corda, o prisioneiro foi estrangulado e seu corpo ficou pendurado na cruz. Uma das autoridades presentes acendeu o fogo e sentou-se junto aos outros para presenciar sua vítima ser queimada. Quando já tinham visto o bastante, um policial ordenou que o corpo fosse solto e deixado cair nas chamas ardentes. O espetáculo terminou e os espectadores retiraram-se, a fim de realizar suas atividades pelo resto do dia.

Isto aconteceu logo cedo, em uma manhã de outubro de 1536 (não se sabe o dia exato), nos jardins do castelo Vilvorde, ao norte de Bruxelas. O nome da vítima era William Tyndale – mas qual foi o seu crime? Traição? Ameaçar a segurança nacional? Conspiração contra o governo? Terrorismo? Assassínatos em série? Nada disso! Oficialmente, a longa lista de queixas equivalia a uma acusação de heresia, mas livrando-se dos sofismas pode ser dito que o “crime” maior pelo qual Tyndale foi forçado ao exílio, e perseguido até a morte, foi este: *ele traduziu um livro do hebraico e grego para o inglês*. E não se tratava de um livro promovendo anarquia, ocultismo, sedição, violência ou qualquer outra coisa que pudesse ter alguma conseqüência adversa na vida da população. Muito pelo contrário, o livro recomendava

um governo estável, justiça, paz, integridade e todas as virtudes que alguém desejasse encontrar na sociedade. O livro referido aqui é a Bíblia.

A história de Tyndale é terrível, mas não única, sendo seguro dizer que nenhum outro livro na história foi tão odiado, difamado e atacado. No século IV, os imperadores romanos Diocleciano e Juliano ordenaram que seus soldados destruíssem todas as cópias da Bíblia que encontrassem. Em 1382, a primeira versão traduzida para o inglês enfrentou terrível oposição e a sua leitura foi proibida por lei. Quando as primeiras cópias do trabalho de Tyndale foram levadas secretamente de volta à Inglaterra, foram destruídas como “mercadoria perniciosa”. E de país em país, ela era queimada e banida, e seus tradutores perseguidos, torturados e assassinados. Em tempos mais recentes, os governos marxistas, que em determinado ponto chegaram a dominar mais de um terço da população mundial, organizaram ataques maciços à Bíblia, destruindo milhões de cópias em todas as nações que eles governaram. Até mesmo hoje, na suposta época tolerante, a Bíblia permanece alvo de ódio e ataques. Em alguns países, é crime vendê-la ou distribuí-la. Desça do avião com uma Bíblia debaixo do braço em um desses países e você estará na prisão antes mesmo de chegar ao Departamento de Imigração.

No entanto, apesar dos séculos de dura oposição, o volume total de Bíblias disponíveis hoje em dia é espantoso. De 1997 até o final de 2002, as Sociedades Bíblicas Unidas [United Bible Societies] distribuíram mais de 2.979.000.000 de cópias da Bíblia completa ou porções dela.

As traduções também figuram com números igualmente impressionantes. Duzentos anos atrás, a Bíblia, ou parte dela, estava disponível em apenas 68 idiomas; ao fim de 2002 este número havia subido para 2.203. Isto cobre mais de 90% da população do mundo, e atualmente há projetos de tradução em andamento de outras 600 línguas; mais de 500 destas pela primeira vez.

Ao colocar todos estes fatos juntos podemos chegar a algumas questões óbvias. Por que o livro mais menosprezado no mundo possui uma demanda tão impressionante? Que tipo de publicação poderia provocar reações tão diversas? Há somente uma forma de descobrir...

OS FATOS

Rigorosamente falando, a Bíblia não pode ser considerada exatamente um livro e sim uma coleção de sessenta e seis documentos, reunidos ao longo de aproximadamente 1.500 anos, sendo o mais recente datado de 95 anos d.C. A palavra “Bíblia” vem do grego *biblos*, a parte interior da casca do papiro. Os egípcios usavam o papiro (a raiz de nossa palavra “papel”) como um tipo de material para escrever, principalmente porque era relativamente barato de produzir e podia ser enrolado em grandes faixas. *Biblos* eventualmente passou a significar pergaminho, volume ou livro. Não há nada de religioso ou espiritual na palavra “Bíblia”.

A Bíblia é dividida em duas partes, o Novo e o Antigo Testamento. Um “testamento” (ou “aliança”) é um acordo solene e de comprometimento. Estas duas alianças mostram de duas formas distintas, mas não contraditórias, a determinação de Deus em trazer homens e mulheres a um relacionamento sadio com Ele mesmo. Compreender isto ajudará a evitar o erro de pensar que o Antigo Testamento está ultrapassado e que o Novo Testamento é o “Plano B”. Certamente existe uma divisão de *tempo* entre os dois (há um intervalo de 400 anos entre eles), mas não uma divisão de *tema*. Ambas as alianças estão em completo acordo sobre os atributos e caráter de Deus, a natureza do homem e a forma como podemos experimentar a realidade da presença e do poder de Deus em nossas vidas. O Antigo e o Novo Testamento são

como duas metades de uma frase: ambas são necessárias para que compreendamos o seu significado completo. Podemos começar a desfazer alguns conceitos errados sobre a Bíblia, listando os fatos fundamentais que a maioria de seus críticos (e até mesmo alguns de seus defensores!) jamais compreenderam.

Em primeiro lugar, nas versões ocidentais da Bíblia *os sessenta e seis documentos* (de agora em diante: livros) *não estão arranjados em ordem cronológica*. Por exemplo, na Bíblia como nós a temos hoje, Oséias é o quarto livro depois de Jeremias, mas foi escrito, na verdade, em torno de 150 anos antes. Tiago é o oitavo livro antes do fim da Bíblia, ainda que ele possa ser datado como anterior a todos os outros vinte e seis livros do Novo Testamento, com exceção de sete ou oito. No entanto, o primeiro e o último livro estão definitivamente em seus devidos lugares, com o primeiro (Gênesis) começando com uma descrição de como tudo, com exceção de Deus, veio a existir – incluindo tempo, espaço e matéria – enquanto o último (Apocalipse) nos leva além de todo o tempo futuro e à eternidade.

Em segundo lugar, *eles não foram escritos todos na mesma língua*. A maior parte deles foi escrita em hebraico, outros tantos em grego e alguns poucos em aramaico, uma versão de um idioma afro-asiático ainda em uso hoje.

Em terceiro lugar, *os livros não são todos do mesmo tipo*. Alguns são puramente históricos; outros se concentram em leis civis ou criminais; há seções que tratam de regras e regulamentos sobre assuntos tão diversos como a adoração no templo e condições sanitárias; algumas partes foram escritas na forma de poesia religiosa ou lírica; há grandes porções de ensinamentos diretos; algumas vezes, os escritores incorporaram biografias ou autobiografias; há correspondências particulares e para grupos de amigos de pensamento similar; há poemas, histórias, discursos, orações, hinos e sermões, e ainda, muito importante, longas passagens de profecias (disto falaremos mais tarde).

Em quarto lugar (e apenas a título de curiosidade), a popular

Nova Versão Internacional, publicada inicialmente em inglês em 1973, possui 726.134 palavras, 1.189 capítulos e 31.202 versículos. Em sua forma original os livros não tinham divisões em capítulos ou versículos. Essas divisões foram se formando ao longo de um período de 700 anos, e a primeira Bíblia completa, contendo as divisões em capítulos e versículos, como temos hoje, foi a Bíblia de Genebra, publicada em 1560.

ATAQUES

Falamos tanto das estatísticas, mas quando adentramos em sua substância é que a Bíblia recebe todos os ataques. Vez após vez, tenho ouvido que ela foi descrita como “um monte de coisas sem sentido”, ou “mitos” e até “folclore”, mas este tipo de abordagem me lembra um adesivo de campanha política, colado no pára-choque de um carro, que dizia, “Já tenho opinião formada. Por favor, não me confunda com fatos”. Outros ataques não somente são mais específicos, como, à primeira vista, parecem bastante justos. Estes precisam ser enfrentados e nesta seção daremos uma olhada neles, começando com os que fazem perguntas fundamentais sobre o texto bíblico como um todo.

CÓPIAS PERVERTIDAS?

O primeiro ataque pergunta: “Como podemos saber que o texto de nossa Bíblia atual é ao menos parecido com o original?” Esta é uma pergunta perfeitamente justa. Os livros originais eram todos escritos à mão em um material perecível e até a invenção da imprensa, no século quinze, tudo o que tínhamos eram manuscritos copiados à mão, vez após vez, por séculos a fio. Como saber se estas cópias eram equivalentes aos originais? Há pelo

menos três testes importantes que podemos aplicar à Bíblia – e a qualquer outro documento antigo.

Primeiramente, *de quantos documentos dispomos para trabalhar?* Os famosos Pergaminhos do Mar Morto, descobertos em 1947, adicionaram 100 manuscritos aos documentos já existentes do Antigo Testamento, enquanto temos mais de 5.000 manuscritos do Novo Testamento no original grego, e um total de mais de 20.000 fontes que nos ajudam a juntar tudo isto. Outras obras da antigüidade não chegam nem perto destes números. Temos somente nove ou dez cópias da famosa *Guerra Gaulesa* de César (58 – 50 a.C.), vinte cópias da *História Romana*, de Livy (59 a.C. – 17 d.C.), sete cópias das histórias de Plínio, o Jovem (61 – 113 d.C.) e apenas duas cópias de *Histórias e Crônicas* de Tácito (55 – 120 d.C.). O rival mais próximo das mais de 20.000 fontes do Novo Testamento é a famosa *Iliada*, de Homero, com apenas 643.

A Bíblia facilmente ganha o jogo dos números, mas isto nos leva a um segundo teste: *qual a proximidade de tempo entre os manuscritos que temos e os textos originais?* No caso da Bíblia, o manuscrito mais importante e antigo data de aproximadamente 300 anos após o texto original, embora haja dois papiros importantes que datam de 100 anos de proximidade, e acredita-se que o famoso *Fragmento de John Rylands* seja de 117 – 138 d.C. Outros três pequenos fragmentos de papiro guardados no Magdalen College, Oxford, foram datados do terceiro quarto do primeiro século. Os críticos são rápidos em se apegar nestes lapsos de tempo como uma razão para rejeitar a Bíblia, embora ignorem outros lapsos de tempo muito maiores em outros documentos históricos que são aceitos sem questionamentos. Apenas uma cópia da *História Romana* de Livy aproxima-se do documento original em menos de 400 anos; na obra de Plínio, o Jovem, o lapso é de 750 anos; de Tácito, não temos nada mais próximo que 900 anos; e o manuscrito mais antigo ainda existente da *Guerra Gaulesa* de César data de aproximadamente 1.000 anos depois

dos eventos descritos.

Não é conhecida outra obra literária da antiguidade, religiosa ou não, que chegue aos pés das credenciais da Bíblia nesta área. Recentemente, visitei as ruínas da Muralha de Adriano, que segue por setenta e três milhas em campo aberto entre o Solway Firth e a foz do rio Tine, próximo da fronteira norte da Inglaterra. Ninguém questiona que, em 122 d.C., o imperador Adriano ordenou a construção da muralha para separar aquela que era a porção mais distante do Império Romano – a fim de “separar os romanos dos bárbaros”. Também não é questionado o fato de que um dos predecessores de Adriano, Júlio César, invadiu a Grã-Bretanha, em 55 a.C., embora tenhamos hoje somente nove ou dez manuscritos que sustentam este acontecimento e o mais próximo data de 900 anos após os eventos relatados.

Novamente, a Bíblia está muito à frente de seus concorrentes. O diretor e bibliotecário chefe do Museu Britânico, Frederic Kenyon, disse certa vez: “Em nenhum outro caso, é tão pequeno o intervalo de tempo entre a composição do livro e a data do manuscrito mais próximo... sendo removido o último motivo para dúvidas de que as Escrituras tenham chegado a nós tal como foram escritas. *Tanto a autenticidade quanto a integridade geral do Novo Testamento podem ser consideradas como, finalmente, constatadas*”¹ (ênfase adicionada).

O terceiro teste é, de muitas formas, o mais importante: como podemos ter certeza de que os manuscritos foram copiados corretamente? Mais uma vez, esta é uma pergunta perfeitamente justa, mas antes de respondê-la vale a pena enfatizar que nem mesmo a impressão de documentos os priva de erros. Uma versão publicada em 1631, ficou conhecida como “A Bíblia de Iniquidade” porque a palavra “não” fora deixada de ser impressa no mandamento:

1. Frederic G. Kenyon, *The Bible and Archaeology* [A Bíblia e a Arqueologia], Harper & Row, p. 288.